

## ANÁLISE LINGUÍSTICA, LITERÁRIA E SEMIÓTICA: A GALINHA – LUIZ HENRÍQUEZ, SÉRGIO BARDOTTI E CHICO BUARQUE

**Ricardo Santos David**

USP - Universidade de São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>

<https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>

E-mail: [ricardosdavid@hotmail.com.br](mailto:ricardosdavid@hotmail.com.br)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-30>

**RESUMO:** O texto é uma unidade de sentido, em que múltiplas partes falam de modo coeso. São fios que tecem uma trama. O texto tem conteúdo, expressão e forma. É preciso ver como o texto mostra e o que mostra. A imagem também é um texto e ela me diz algo porque tem estruturação, porque se estrutura como uma linguagem que relaciona expressão, conteúdo, contexto. O ensino moderno da literatura pode perfeitamente basear-se na Semiótica greimasiana. Não basta somente ler obras representativas sem relacioná-las com outros textos da época, bem como o de outras épocas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poema. Semiótica. Linguagem. Ensino.

### LINGUISTIC, LITERARY AND SEMIOTIC ANALYSIS: THE CHICKEN – LUIZ HENRÍQUEZ, SÉRGIO BARDOTTI AND CHICO BUARQUE

**ABSTRACT:** The text is a unit of meaning, in which multiple parts speak cohesively. They are threads that weave a weave. The text has content, expression and form. You have to see how the text shows and what it shows. The image is also a text and it tells me something because it is structured, because it is structured as a language that relates expression, content, context. Modern teaching of literature may well be based on Greimasian Semiotics. It is not enough to just read representative works without relating them to other texts of the time, as well as that of other times.

**KEYWORDS:** Poem. Semiotics. Language. Teaching.

## INTRODUÇÃO

A semiótica de Greimas, pela influência de Hjelmslev, defende que todo texto manifesta um plano de conteúdo – a parte inteligível, conceitos, impressões, valores afetivos e sociais, negativos ou positivos que um signo-texto evoca – e um plano de expressão, a parte perceptível, a materialidade constituída de concretudes. Barros (2005) salienta que o(s) sentido(s) do texto podem ser examinados, através do plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, isto é, o leitor/ enunciatário, passa por um processo de entendimento a partir do seu contato com a superfície do texto que pode ser constituído

por material verbal e/ou não-verbal. Em outros termos, o processo gerativo refere-se à produção do texto. Na análise, tentase recuperar, por meio da leitura, esse percurso que teria dado origem ao texto. É importante ressaltar que esse percurso não é uma forma à qual que os textos são submetidos, mas como mostra Fiorin (1997), “é um simulacro metodológico que nos permite ler, com mais eficácia, um texto”.

Segundo o autor:

Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva, que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorrem de uma articulação dos elementos que o formam: que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso (FIORIN, 1997, p. 31).

Então, o percurso gerativo de sentido, por conceber o texto como um processo de produção de sentidos, analisa-o do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, enriquecendo-o semanticamente. Três patamares, contendo, cada um, uma sintaxe e uma semântica, constituem o percurso: estruturas fundamentais – base estrutural do texto; estruturas narrativas – estados e transformações ligados a personagens e objetos; e estruturas discursivas – lugar onde ocorrem as projeções da enunciação (pessoa, espaço e tempo), no enunciado.

Na semântica da estrutura fundamental, nível mais profundo de um texto, a significação se dá como uma oposição semântica mínima “a versus b”, como por exemplo, liberdade versus submissão, vida versus morte, etc. Inscrita no texto está uma qualificação semântica, isto é, uma categoria oposta é eufórica, porque recebe valoração positiva, já a outra é disfórica, porque recebe valoração negativa. É importante notar que essa qualificação será determinada no contexto discursivo e não pelo leitor – enunciatário do texto. A sintaxe da estrutura fundamental trabalha com duas operações: a negação e a asserção. Ao longo de um texto essas operações ocorrem, estabelecendo-se as seguintes relações: Afirmação de a, negação de a, afirmação de b; afirmação de b, negação de b, afirmação de a. Para Fiorin (1993), é importante detectar a estrutura fundamental de um texto, pois “ela permite dar uma unidade profunda aos elementos superficiais que, à primeira vista, parecem dispersos e caóticos”. O segundo patamar é o da estrutura narrativa, nível intermediário de um texto.

Para a semiótica, a sintaxe da estrutura narrativa simula a história do homem em busca de valores para a vida e em busca de sentido para os contratos sociais geradores dos conflitos humanos. Nessa perspectiva, entende-se por narrativa o percurso de mudança de estados operada por um sujeito transformador que age no e sobre o mundo, em busca de valores que estão investidos nos objetos (BARROS, 2005). A sintaxe narrativa apresenta dois tipos de enunciados elementares: em primeiro lugar têm-se os enunciados de estado que estabelecem, entre um sujeito e um objeto, uma relação de junção (disjunção ou conjunção). Em segundo, tem-se os enunciados de fazer que mostram as transformações, as passagens de um enunciado de estado inicial a um estado final. Conforme Fiorin (1997), esses enunciados se articulam entre si e formam sequências narrativas, agrupando-se em quatro fases distintas, tais como manipulação, competência, performance e sanção.

Vejamos cada uma das fases:

**Manipulação:** Um sujeito (papel narrativo) age sobre outro para induzi-lo a querer ou dever fazer alguma coisa. Há quatro tipos de manipulação: tentação, intimidação, sedução e provocação.

**Competência:** O sujeito do fazer, aquele que vai realizar a transformação central da narrativa, dotado de competência, define-se por quatro modalidades – dever-fazer e querer-fazer, poder-fazer e saber-fazer – pois para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo.

**Performance:** O sujeito do fazer executa sua ação, ocorrendo a transformação, mudança de um estado a outro; depois de fazê-la, o seu fazer é avaliado.

**Sanção:** O sujeito do fazer recebe seu castigo ou recompensa, ou seja, ocorre a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação, conforme o contrato estabelecido na manipulação. A semântica da estrutura narrativa trata dos valores (elementos semânticos) inscritos nos objetos. Esses objetos podem ser de dois tipos.

A semiótica greimasiana distingue o objeto-valor do objeto-modal. Um objeto-valor (ou objeto de valor) é o objeto principal da transformação.

Um objeto-modal é um elemento da competência necessária para realizar a performance, ou seja, para alcançar o objeto de valor (o querer, o dever, o saber e o poder fazer), necessário para a aquisição do objeto-valor. Para casar com a princesa (objeto de valor), o príncipe deve enfrentar o dragão (objeto-modal).

Antes de passar ao terceiro patamar, é importante salientar que, nesse nível, é na linguística da enunciação, desenvolvida a partir de Émile Benveniste, que a semiótica de Greimas se apoia. Benveniste (1989: 82) afirma que enunciar é “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” e que toda enunciação, implícita ou explicitamente, pressupõe um eu/enunciador e um tu/enunciatário. E se, para o linguista francês, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” (Benveniste, 1989: 83), esta teoria, no seu terceiro patamar, revela tamanha importância nas reflexões sobre língua e leitura.

O terceiro patamar do percurso gerativo de sentido, então, é o da estrutura discursiva. Segundo Barros (2005), esse é o patamar mais superficial do percurso, ou seja, é o mais próximo da manifestação textual. O sujeito da enunciação converte as estruturas narrativas em estruturas discursivas, quando faz escolhas de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras. Trata-se da instância do eu-aqui-agora, quando o sujeito/enunciador é sempre um eu que opera no espaço do aqui e no tempo do agora, deixando no discurso as marcas da enunciação.

A sintaxe discursiva apresenta dois aspectos importantes: as projeções da enunciação no enunciado e as relações entre enunciador e enunciatário. Para a semiótica greimasiana, em todo ato discursivo existirá sempre um manipulador e um manipulado, em completa interação, sendo que o primeiro tenta persuadir o segundo acerca do que está dito; o segundo, por sua vez, faz o discurso interpretativo, julgando o dizer do enunciador, produtor do texto, conforme um contrato de fidejussão – o contrato de veridicção – estabelecido entre esses dois polos, o fazer e o crer, o que pode induzir o enunciatário a crer ou não, no que foi dito. As projeções da enunciação são justamente as marcas de actorialização, espacialização, temporalização deixadas no enunciado. A actorialização reveste, através da categoria de pessoa, os actantes narrativos.

A espacialização instaura no enunciado o espaço, que é determinado em função do aqui. Esse aqui pode estar implícito no enunciado, ou pode ser explicitado,

determinando o algures (em algum lugar) ou o alhores (em outro lugar). Por fim, a temporalização instaura o tempo no enunciado e tem a enunciação como momento de referência.

Esse mecanismo de projeção da pessoa, do tempo e do espaço no discurso ocorre por embreagem ou por debreagem. Debreagem é a projeção, no texto, da pessoa, do tempo e do espaço. Embreagem é a operação inversa de neutralização dessas categorias e pressupõe uma debreagem anterior, produzindo um efeito de “retorno à enunciação”. A debreagem pode ser subdividida em dois tipos. A primeira é a debreagem enunciativa, que instaura no enunciado as pessoas da enunciação (eu-tu), o espaço (aqui) e o tempo (agora) produzindo o efeito de sentido da subjetividade. Já o segundo tipo de debreagem, a enunciva, instala no enunciado as pessoas (ele), o espaço (lá ou alhores) e o tempo (então) criando, assim, o efeito da objetividade.

Todos esses mecanismos expressam as relações entre enunciador e enunciatário, em que ocorre um jogo de persuasão, por meio de procedimentos argumentativos que visam a levar o enunciatário a admitir como válido o que está sendo comunicado, pois, como mostra Fiorin (1997), a finalidade de todo ato de comunicação não é informar, mas convencer o outro a aceitar o que está sendo dito. Por isso, pode-se afirmar que todos os discursos têm um componente argumentativo, já que todos têm o objetivo de persuadir. Para isso, o enunciador usa procedimentos argumentativos, como a ilustração e as figuras de pensamento.

Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que o trabalho proposto na semiótica visa a demonstrar a organização que existe no interior do texto. Por isso, consideramos importante tomar textos reais – notícia veiculada na mídia e textos produzidos por alunos – na análise. Frases soltas, inventadas pelo professor, nas aulas de língua materna, não contemplam um verdadeiro trabalho com a língua viva e real. Assim, a escola só cumprirá seu papel de formar sujeitos sociais leitores da realidade em que se inserem, se criar verdadeiros ambientes de uso da língua, subsidiando seus discentes com instrumentos que os capacitem, quando se depararem com qualquer gênero de texto.



## CONTRIBUIÇÕES SEMIÓTICAS PARA ANÁLISE E LEITURA

O Brasil, mesmo com o trabalho intensificado visando constituir novas bases de reflexão e de práxis didático-pedagógicas, a partir das quais foram gerados os Parâmetros Curriculares Nacionais - o que colocou o país em consonância com pensamento educacional mais avançado - não foi bem no exame. Sua performance não foi boa, mesmo com a dedicação de professores, que trabalham no sentido de capacitar os alunos a lerem e escreverem bem, preparando-os para se tornarem cidadãos.

A escola, por meio de seus professores, vem a partir da década de 80 pesquisando, debatendo e elaborando o trabalho com textos em sala de aula, o que significa que avanços foram realizados.

No entanto, acreditamos que esse trabalho ainda está situado mais no nível do fazer, ou seja, o professor procura levar o aluno a produzir textos.

E os alunos, por sua vez, praticam a linguagem, seja aprendendo a gramática, seja elaborando textos de diferentes tipos. A correção, quando ocorre, realiza -se ainda no nível da frase, ou seja, corrige-se a ortografia e as concordâncias, principalmente. Apesar dos esforços continuados, os alunos nem sempre conseguem entender o que leem e quando o fazem não elaboram uma interpretação essencial. A interpretação do texto, de modo geral, consiste em responder perguntas que não contribuem para o entendimento do seu sentido, ou seja, não atingem a esfera do que o texto quer dizer e, principalmente, de como ele o diz. Mesmo que se estabeleça um roteiro que vise à interpretação, raramente se atinge o cerne de um texto, ou seja, as suas relações semânticas fundamentais.

O professor faz um grande esforço para demonstrar os passos que realizou para chegar à compreensão e daí realizar a interpretação do texto, porém nem todos os alunos conseguem segui-lo. Uma outra questão que levantamos é quanto à avaliação da leitura. Acreditamos que, para se entender, interpretar e, por fim, avaliar um texto, qualquer que ele seja, é preciso saber o que observar nele. Assim como se ensina a gramática da língua, em que são observadas as relações entre os termos que constituem a frase e as orações, é necessário observar que existe uma gramática do discurso manifestado pelo texto, conforme Fiorin (1989 p. 09-10).

Dessa forma, acreditamos que os alunos possam interpretar com eficácia os textos a que são continuamente submetidos.

Compreender um texto é observar que existem relações de semantismos que o sustentam, manifestados por meio dos personagens, do espaço, do tempo, etc. Interpretar é partir dessas relações, observando como foram constituídas. Avaliar é estabelecer relações entre o que o texto diz e como ele diz o que diz. O que se constata, porém, é que falta abordar com a mesma importância a prática da leitura não somente na sala de aula, como também por esses exames aplicados por órgãos oficiais; apontando não apenas o que os textos querem dizer, mas como os textos fazem para dizer o que dizem.

Dessa maneira, o educador (entendido, aqui, não só o de língua materna, mas os das outras disciplinas) precisa explicar e, sobretudo, explicitar que os textos, para sustentar uma informação, possuem uma organização interna, mecanismos e estratégias para veiculá-las.

Sabemos que os textos possuem uma organização, implícita, que sustenta o sentido apreendido no momento da leitura. Isso tanto é verdade, que é comum por parte dos pesquisadores da área da leitura e dos documentos oficiais que direcionam o ensino brasileiro afirmarem que os textos possuem camadas, as quais precisam ser desvendadas para localizarmos as informações ali implícitas. Basta lembrarmos o que já citamos anteriormente.

O objetivo do estudo da Semiótica – *o texto*, e não a palavra ou frase. Ela procura explicar os sentidos do texto, isto é, *o que o texto diz* e, também os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos.

A noção de percurso gerativo de sentidos pode ser resumida como segue:

a) o percurso gerativo de sentido vai mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; há, assim, enriquecimento e concretização do sentido da etapa mais simples e abstrata a mais complexa e concreta, ou seja, os elementos que se manifestam na superfície do texto estão já “enriquecidos” e “concretizados” e provem, metodologicamente, de relações semânticas mais simples e abstratas;

b) são determinadas três etapas do percurso, podendo cada uma delas ser discutida e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;

c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, é o nível fundamental e nele a significação se apresenta como oposição semântica.

d) no segundo nível, o narrativo, organiza-se a narrativa do ponto de vista de um sujeito;

e) finalmente, a terceira etapa, a mais complexa e concreta, é a discursiva, em que a organização narrativa vai-se tornar-se discurso, graças aos procedimentos de temporalização, espacialização, actorização, tematização e figurativização, que completam o enriquecimento e a concretização semântica já mencionados.

Texto para análise: *A Galinha* – Luiz Henriques, Sérgio Bardotti e Chico Buarque (1980).

Todo ovo  
que eu choco  
me toco  
de novo.  
Todo ovo  
é a cara  
é a clara  
do vovô.  
Mas fiquei  
bloqueada  
e agora  
de noite  
só sonho  
gemada.  
A escassa produção  
alarma o patrão.  
As galinhas sérias  
jamais tiram férias.  
“Estás velha, te perdoo  
tu ficas na granja  
em forma de canja”.  
Ah!!!  
É esse o meu troco  
por anos de choco  
Dei-lhe uma bicada



e fugi, chocada  
quero cantar  
na ronda  
na crista  
da onda  
pois um bico a mais  
só faz mais feliz  
a grande gaiola  
do meu país.

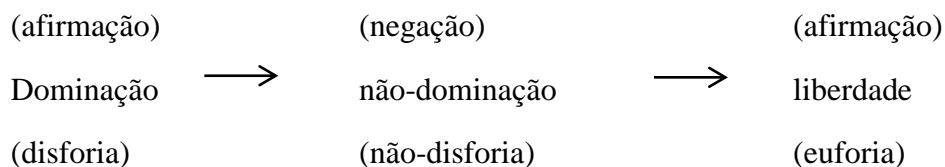
No nível mais abstrato e simples, o das estruturas fundamentais, os sentidos do texto são entendidos como uma categoria ou oposição semântica, cujos termos são:

1. determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos e considerados atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos;
2. negados ou afirmados por operações de uma sintaxe elementar;
3. representados e visualizados por meio de um modelo lógico de relações denominados quadro semiótico.

Em a *Galinha*, a categoria semântica fundamental é liberdade vs dominação (exploração, opressão), que se manifesta no texto de modos diversos.

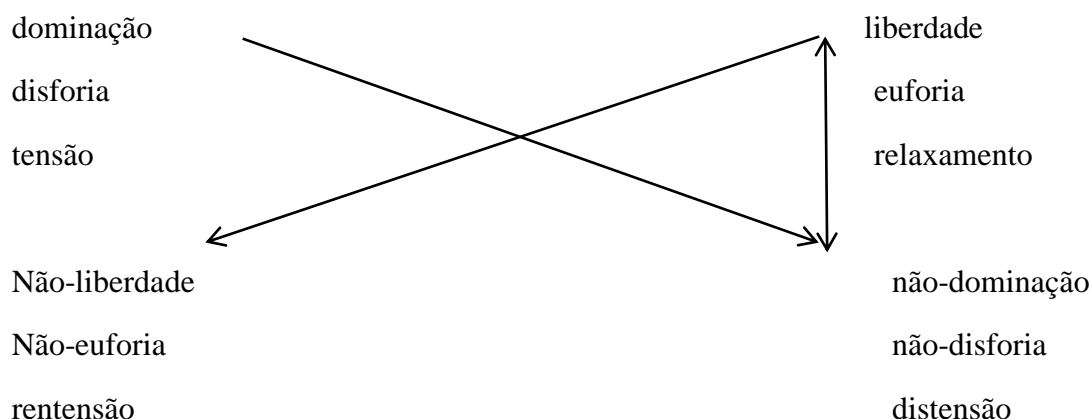
O termo *liberdade* é determinado como eufórico e dominação como disfórico, ou seja, **no texto em questão**, a liberdade é atraente e a dominação, repulsiva.

As operações de negação e afirmação no texto levam ao percurso que segue:



Observação: Trata-se de um texto euforizante, ou seja, que vai da disforia a euforia, isto é, de um texto que “acaba bem”.

A análise efetuada do nível fundamental de *A Galinha* pode ser visualizada no modelo abaixo do quadro semântico:



A segunda etapa do percurso gerativo é a das **estruturas narrativas**. A conversão do nível fundamental ao narrativo pode ser sintetizada em três pontos:

1. Introdução do sujeito – em lugar das operações lógicas fundamentais, ocorrem transformações narrativas operadas por um sujeito;
2. As categorias semânticas fundamentais tornam-se valores do sujeito e são “inseridas” nos objetos com que o sujeito se relaciona.
3. As determinações tensivo-fóricas fundamentais convertem-se em modalizações que modificam as ações e os modos de existência do sujeito e suas relações com os valores.

Em *A galinha*, o sujeito patrão opera a transformação que põe o sujeito galinha em situação de dominação e a própria galinha realiza a transformação que a coloca em estado de liberdade. *Liberdade* é o valor com o qual a galinha se relaciona por via de objetos, e essa é uma relação desejável, ou seja, modalizada pelo querer. Da mesma forma, a galinha quer realizar a transformação de sua situação de dominação em estado de liberdade.

Cada uma das narrativas desdobradas tem uma organização canônica em que três percursos se relacionam por pressuposição: o percurso da **manipulação**, o da **ação** e o da **sanção**, sendo que o da sanção pressupõe a manipulação.

**No percurso da manipulação**, um destinador propõe um contrato a um destinatário e procura persuadi-lo com diferentes estratégias, a aceitar o contrato e a fazer o que ele, o destinador, quer que o outro faça. O destinatário, por sua vez, interpreta a persuasão do destinador, nele acredita ou não e aceita ou não o acordo proposto.

**No percurso da ação**, o destinatário que aceitou o contrato proposto pelo destinador-manipulador torna-se sujeito e realiza a ação acordada, operando a transformação principal daquela narrativa e agindo sobre os objetos e seus valores.

**No percurso da sanção**, o sujeito da ação procura convencer o seu destinador de que cumpriu o contrato, fez o que dele se esperava e que merece, portanto, uma sanção ou julgamento positivo. O destinador vai, então, sancionar positiva ou negativamente o sujeito da ação, reconhecendo-o como cumpridor ou não do contrato estabelecido e atribuindo-lhe uma recompensa ou uma punição.

O texto *A Galinha* pode ser dividido em duas partes (da linha 1 à linha 21 e da linha 22 a última). Cada trecho possui um esquema narrativo “completo”.

Na primeira parte, conhecemos a sanção: *Estás velha, te perdoo, tu ficas na granja em forma de canja*. O destinador patrão reconhece que a galinha não realizou a ação prevista no contrato, ou seja, não bota mais ovos e não cria mais pintos, o que faz dela uma *má galinha* ou *uma galinha pouco séria*, que, portanto merece ser punida (*virar canja*).

A ação aparece no texto de duas formas: como ação realizada de botar e de chocar ovos (*Todo ovo que eu choco*) e como a não realizada (*Mas fiquei bloqueada; A escassa produção alarma o patrão; As galinhas sérias jamais tiram férias*).

Na segunda parte, a sanção negativa do primeiro esquema leva a galinha a não mais aceitar o patrão como destinador e assumir um outro contrato, consiga mesma, para realizar a ação de adquirir a liberdade (pelo cantar), e ser sancionada positivamente (*quero cantar a onda, na crista da onda, pois um bico a mais só faz mais livre a grande gaiola do meu país*). A ação de cantar é uma ação criativa, livre e não rotineira.

## NÍVEL DISCURSIVO

Nesta fase, a narrativa vai ser colocada no tempo e no espaço, os sujeitos, os objetos, os destinadores e os destinatários da narrativa, ou seja, os actantes, vão tornando-se atores do discurso, graças a investimentos semânticos e de pessoa, os valores dos objetos vão ser disseminados como temas e transformados, sensorialmente, em figuras.

Em relação à **categoria de pessoa**, três procedimentos foram empregados: projetou-se o discurso em primeira pessoa eu e criou-se o efeito de subjetividade da Galinha que conta suas mazelas; projetou-se o discurso em terceira pessoa (*A escassa produção alarma o patrão*) e obteve-se o efeito de generalização, ou seja, de que qualquer lugar em haja patrão, e não apenas naquele galinheiro, a escassa produção causa alarme; deu-se a palavra, internamente, ao patrão, em discurso direto, produzindo a ilusão de realidade, de fato acontecido (*Estás velha, te perdoo tu ficas na granja em forma de canja*”).

Para **tempo**, foram usadas também duas estratégias: o presente, que produz o efeito de proximidade da enunciação, com o seu passado (antes do presente) – *dei-lhe uma bicada e fugi chocada* - e o futuro (depois do presente) – *quero cantar*.

No **espaço**, ao contrário do tempo e da pessoa, não se busca o efeito de proximidade da enunciação. O ponto de referência do espaço é um *lá*, a granja/meu país, do qual a galinha foge.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, em meio a tantos entraves observados (argumentações linguisticamente precárias), podemos afirmar que há saídas. Ousamos dizer, mesmo no universo limitado da investigação realizada, que os problemas verificados devem-se a uma leitura escolar, tradicionalmente, superficial e pouco explorada. É urgente uma mudança de postura didática e metodológica dos professores brasileiros.

Nesse contexto, consideramos a teoria semiótica greimasiana uma boa alternativa de instrumento para o trabalho com o texto, já que a semiótica, desde os primeiros estudos, se dedica ao trabalho com os mais diversos gêneros, demonstrando a organização

que existe no interior de cada um deles. Mas é necessário deixar claro que a utilização dessa teoria não representa a solução de todos os problemas com que alunos e professores se deparam para a leitura de textos.

Trata-se de uma ferramenta que pode contribuir para motivar e melhorar o aproveitamento dos alunos. Esse modelo teórico de grande potencial para a prática pedagógica, como outros também eficazes, poderá ser um excelente suporte ao professor de língua materna na formação de leitores ativos e críticos.

Enfim, o estudo que fizemos dos textos mostrou-se bastante proveitoso, oportunizou um trabalho científico que pode vir a auxiliar alunos, professores e educadores das escolas de ensino fundamental e médio a compreender e refletir sobre a importância do trabalho com a leitura, pois ler para compreender os textos, participando criticamente da dinâmica do mundo e posicionando-se frente à realidade é a finalidade básica que deve ser estabelecida para as práticas de leitura na escola.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 04ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROS, D. L. P. Pessoa de Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Pontes, 1989, p. 82-84.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EdUSC, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FIORIN, J. L. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.
- FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. S. **Para entender o texto**. São Paulo: Saraiva, 1993.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 03. Ed., São Paulo: Ática, 1993.
- FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação** – as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: CONTEXTO, 1997.
- FIORIN, J. L. **Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva**, 31 de agosto de 2008. Disponível em:

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/6102/simbolismo-sendas-e-veredas-dasemiotica-narrativa-e-discursiva>. Acessado em 29/12/2010.

FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística II: princípios de análise**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

Data de submissão: 03/05/2023. Data de aceite: 04/06/2023. Data de publicação: 08/08/2023.